



**OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA *BÍBLIA MEDIEVAL*
*PORTUGUESA***

**ARGUMENTATIVE OPERATORS IN THE *PORTUGUESE*
*MEDIEVAL BIBLE***

Miguél Eugenio Almeida¹
Taisir Mahmudo Karim²

Recebimento do texto: 20/03/2017
Data de aceite: 28/04/2017

RESUMO: Este trabalho analisa, pelo viés teórico da Semântica Argumentativa, os operadores argumentativos (ca, que, porque, pera, ataa, nem, porem, e, senon, tanto que,) do português arcaico na Bíblia Medieval Portuguesa do século XIII/XIV.

PALAVRAS-CHAVE: argumentação; semântica; operadores; bíblia medieval.

ABSTRACT: This work analyzes, in the theoretical bias of Argumentative Semantics, the argumentative operators (ca, which, because, however, binds, however, and, sinon, so much that) of the archaic Portuguese in the 13th-14th century Portuguese Medieval Bible.

KEYWORDS: argumentation; semantics; operators; Medieval Bible

¹ Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Doutor em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007). E-mail: mealmeida_99@yahoo.com.br

² Professor adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: taisir@unemat.br



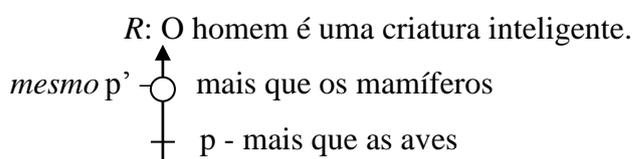
Considerações iniciais

No documento histórico-religioso *Bíblia Medieval Portuguesa*³ (XIII/ XIV), verificamos como se apresentam as formas ocorrentes funcionando como *operadores argumentativos*, do português arcaico (séculos XIV e XV). Neste estudo de aplicação teórica, tomamos os construtos dos estudos enunciativos desenvolvidos na *Semântica Argumentativa*⁴. Para melhor efeito de apresentação didática, expomo-lo basicamente em dois tópicos: 1. operadores argumentativos; 2. as ocorrências dos operadores argumentativos na *Bíblia Medieval Portuguesa* (*ca, que, porque, pera, ataa, nem, porem, e, senon, tanto que,*). No primeiro tópico, explanamos, de modo geral, os elementos teóricos desses operadores; no segundo tópico, evidenciamos descrevendo/ explicitando as formas operadoras, retiradas do documento histórico-religioso, em questão (nosso *corpus*), ou seja, ressaltamos a força argumentativa dos operadores nos recortes retirados do *corpus* deste estudo.

1. Operadores argumentativos

O operador argumentativo funciona como um elemento fundamental ao se evidenciar na enunciação, encadeando direções argumentativas⁵ na construção enunciativa em que “[...] apresenta sua enunciação como levando a admitir tal ou tal conclusão.” (DUCROT, 1987, p.174). Exemplo: O homem é uma criatura inteligente (*R*), mais que as aves (1) e *mesmo* mais que os mamíferos (2).

Assim, os enunciados (1) e (2) (apontam para:→) uma mesma conclusão (a que, por convenção, se denomina *R*). Visualizando em gráfico, temos:



³ **BÍBLIA MEDIEVAL PORTUGUÊSA**: Historias d'abreviado Testamento Velho, segundo o Meestre das Historias Scolasticas. v.I Texto apurado por Serafim da Silva Neto Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958.

⁴ Teorizado por Ducrot e compreendendo a função de indicar (mostrar) alguns elementos da gramática da língua, dada ao poder da força argumentativa dos enunciados apontando para uma direção (sentido). (KOCH, 2004, p.30).

⁵ Estes enunciados formam uma *classe argumentativa*.



Podemos parafrasear o enunciado acima da seguinte forma:

- 1) O homem, os mamíferos e as aves são inteligentes;
- 2) O homem é mais inteligente que os mamíferos;
- 3) Os mamíferos são menos inteligentes que os homens e mais inteligentes que as aves;
- 4) As aves são menos inteligentes que os mamíferos que são menos inteligentes que os homens.

Vemos que o operador argumentativo *mesmo* é que permite a distinção entre os animais, indica uma escala argumentativa para o valor da inteligência entre os animais. Temos assim: homem, mamíferos e aves, na escala biológica, sendo o homem mais inteligente que os outros, enquanto que os mamíferos estão abaixo da inteligência dos homens e acima da inteligência das aves.

A seguir, apresentamos, com a lingüista Koch (2004), outra possibilidade de enunciação em que se evidencia uma construção de enunciados orientados para uma mesma conclusão, a chamada classe argumentativa:

Uma *classe argumentativa* é constituída de um conjunto de enunciados que pode igualmente servir de argumento para (apontam para: →) uma mesma conclusão (a que, por convenção, se denomina *R*). Exemplo:

1. João é o melhor candidato. (conclusão *R*)
arg.1 – tem boa formação em Economia
arg.2 - tem experiência no cargo
arg.3 - não se envolve em negociatas
etc.

classe
argumentativa

(Todos os argumentos têm o mesmo peso para levar o alocutário⁶ a concluir *R*). (KOCH, 2004, p.30).

Assim, a *classe argumentativa* reúne todos os enunciados⁷ convergindo para uma mesma conclusão, predicando o ser de algo, em geral. No caso do exemplo citado, o ser “João” representa, num nível de abstração mais universal, o ser homem; e o predicado “é o melhor candidato” encerra, num nível de abstração individual (particular), a característica qualitativa particular de “João”, deduzida a partir de um conjunto de pressupostos⁸ fundamentando esta característica circunstancial, acidental, de ser “João” o melhor candidato.

⁶ Ou seja, aquele quem a enunciação do locutor (autor do enunciado) se dirige.

⁷ Ou ainda, representando os pontos de vista ou as reações de diferentes pessoas.

⁸ A saber: ter boa formação em Economia; ter experiência no cargo; não ter envolvimento em negociatas.



Na escala argumentativa, há dois ou mais enunciados de uma mesma classe sendo apresentados em níveis crescentes de força direcionadas para uma conclusão. Por exemplo:

2. A apresentação foi coroada de sucesso (conclusão *R*)

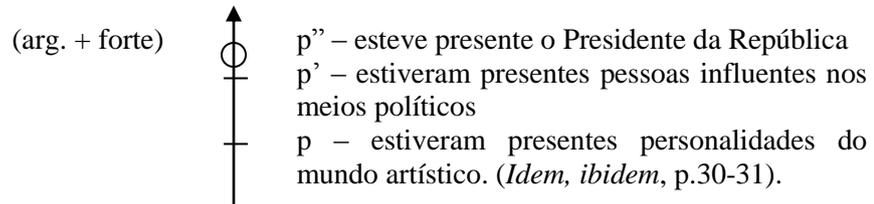
arg.1 – estiveram presentes personalidades do mundo artístico

arg.2 – estiveram presentes pessoas influentes nos meios políticos

arg.3 – esteve presente o Presidente da República (argumento mais forte)

Costuma-se representar graficamente a escala argumentativa da seguinte forma:

R: A apresentação foi coroada de sucesso:



No caso, a *escala argumentativa*, num grupo de enunciados de mesma classe, ocorre mediante ao grau de prestígio social de uma comunidade nacional. Assim, a função social de “Presidente da República” representa o mais alto cargo administrativo de uma nação. Outrossim, as pessoas do meio político, nessa escala, ocupam um grau abaixo do Presidente da República; e as pessoas envolvidas com a arte, dado o não relacionamento direto com a administração pública, estão num patamar, dessa escala, mais inferior ao prestígio social.

Portanto, a noção de classe social, conforme o pensamento platônico, distribuem-se nos grupos atendendo ao critério da natureza predominante da alma humana, ou melhor colocando:

[Platão] propôs na *República* o famoso plano duma sociedade cuja população se distribuía em três classes principais, correspondentes às funções da alma. A classe mais baixa, representando a alma apetitiva, incluiria os lavradores, os artífices e os comerciantes ou mercadores; a segunda classe, representando o elemento empreendedor ou vontade, seria formada pelos soldados; enquanto a classe mais alta, representando a razão, compreenderia a aristocracia intelectual. De cada uma dessas classes esperava-se a realização das tarefas para as quais tinha maior aptidão. A função da classe mais baixa seria a produção e a distribuição dos bens em benefício de toda a comunidade; a dos soldados, a defesa; ao passo que a aristocracia, dada a sua aptidão



especial para a filosofia, desfrutava o monopólio do poder político.
(BURNS, 1975, p.175).

Desse modo, capacidade cognitiva/ natural de cada indivíduo de uma comunidade, determina a distribuição do mesmo, nessas três classes gerais, obedecendo, entretanto, o critério psicológico da cognição humana voltada para a natureza antropológica do ser *homo-faber*, do ser *homo-volens* e do ser *homo-sapiens*, ou seja, temos a natureza do homem voltada para as atividades laboriosas, voluntárias e intelectivas.

Os argumentos, em questão, obedecem a uma ordem hierárquica de valores escalares quando aproximamos dos grupos de classes sociais definidas por Platão, ou ainda, estabelecemos as seguintes correspondências: o “Presidente da República” e as pessoas do meio político integrar-se-iam na classe da aristocracia pensante⁹; e as personalidades do mundo artístico enquadrar-se-iam na classe mais baixa.

A seguir, apresentamos o conjunto dos operadores argumentativos, seguindo a ordenação, de modo especial, da lingüista:

1.1. Operadores assinalando o argumento mais forte de uma classe orientada no sentido de uma conclusão: *até, mesmo, até mesmo, inclusive*. (KOCH, 2004, p.31)

Estes operadores, numa classificação morfológica, pertencem às classes correspondentes de palavras: preposição/ locução preposicional; pronome demonstrativo; advérbio.

As preposições, na gramática tradicional, exercem a seguinte função: “[...] relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo sentido do segundo (conseqüente).” (FERREIRA DA CUNHA, 1980, p.511). Exemplificando: Trabalhou *até* anoitecer. No caso, a função relacional da preposição *até* entre os termos *trabalhou* (antecedente) com o termo *anoitecer* (conseqüente) ocorre determinando a limitação do tempo da ação trabalhada.

⁹ Na prática, essa correspondência não ocorre. Os governantes, em geral, inclinam-se atendendo preponderantemente aos interesses exclusivos do capital, e não a socialização dos bens públicos (*rei publicae*).



Em contrapartida, a *semântica da argumentação*, referente aos operadores, descreve-os/ explica-os num contexto argumentativo¹⁰. Ilustrando: “A apresentação foi coroada de sucesso: estiveram presentes personalidades do mundo artístico, pessoas influentes nos meios políticos e até o Presidente da República¹¹.” O operador *até* determina o argumento mais forte, ou seja: “[esteve] até o Presidente da República”. Portanto, este operador determina o sentido máximo de uma representação do cargo funcional de uma sociedade organizada.

O operador *mesmo* pode assumir uma determinada extensão do significado frasal, quer na semântica da argumentação, quer na gramática tradicional, quando se refere a um nome. Verificamos:

a) O homem é uma criatura evoluída, mais que as plantas e *mesmo* mais que os animais inferiores.

R: O homem é uma criatura evoluída.

mesmo $\begin{array}{c} \uparrow \\ \bigcirc \\ | \\ + \end{array}$ $\begin{array}{l} p' - \text{mais que os animais inferiores} \\ p - \text{mais que as plantas} \end{array}$

Assim, o operador *mesmo* delimita a extensão máxima do sentido argumentativo, ou seja, o homem, na escala evolutiva, está acima de todos os seres vivos.

1.2. Há os operadores aditivos de argumentos¹² reportando-se a mesma conclusão, tais como: “e, também, ainda, nem (= e não), não só... mas também, tanto... como, além disso..., a par de...etc.” (*Idem, bidem*, p.33).

A respeito das conjunções, funcionando como operadores de argumentos, soma-se a função de conector, da sintaxe tradicional, com a de explicitar a noção do argumento orientado numa direção dada pela conclusão *R/ ~R*, principalmente; ou dito de outra maneira: “O que normalmente se diz das conjunções é que elas ligam orações. Isto sem dúvida é verdade, mas esta classe de palavras tem, nas construções em que

¹⁰ Em que “[...] o argumento contém um fato e se constitui na apresentação de uma razão. (CAMPOS, 2007, p.140).

¹¹ Repetimos aqui a citação (KOCH, 2004, p.32).

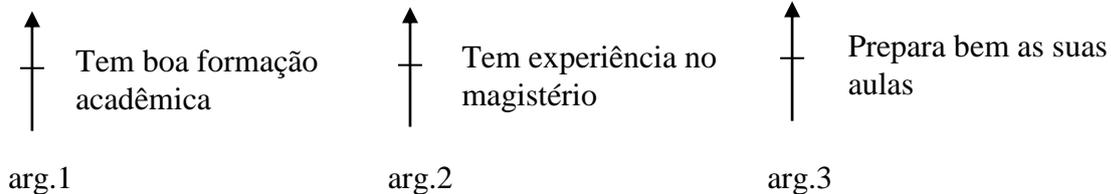
¹² Na gramática tradicional, eles são classificados como conjunção, exceto as formas: também; além disso; ainda. Estas estão no lugar de adjetivos.



aparecem, outras funções, seguramente tanto e até mesmo mais significativas.”
(GUIMARÃES, 2007, p.35).

Exemplo:

R: Altamirando é o melhor professor.



O texto pode ser formulado pelas maneiras diferentes:

a) Altamirando é o melhor professor: tem boa formação acadêmica, tem experiência no magistério e prepara bem as suas aulas.

b) Altamirando é o melhor professor: *não só* tem boa formação acadêmica, *mas* também tem experiência no magistério e prepara bem as suas aulas.

c) Altamirando é o melhor professor: *além de* ter boa formação acadêmica, tem experiência no magistério; e *também (ainda)* prepara bem as suas aulas.

d) Altamirando é o melhor professor: *tanto* tem boa formação acadêmica, *como* experiência no magistério; *além disso* (a par disso), prepara bem as suas aulas.

e) Altamirando é o melhor professor: *a par de* uma boa formação acadêmica, *também* tem experiência no magistério; *além do que*, prepara bem as suas aulas¹³.

1.3. Os operadores introduzindo argumentos alternativos orientando a conclusões opostas: *ou, ou então, quer... quer, seja... seja*, etc. (*Idem, ibidem*, p35).

A guisa de ilustração: Vamos assistir ao filme. Ou você prefere jogar baralho e ficar em casa?

¹³ Outras construções textuais podem ser produzidas. Guimarães (*op. cit.*, p.44), a este respeito, observa o seguinte: “Sabemos que esta conjunção pode aparecer com o sentido de várias outras conjunções”.



No caso exemplificado, os enunciados (argumentos) “Ou você prefere jogar baralho” e “e ficar em casa?” orientam-se positivamente à conclusão *R*: Vamos assistir ao filme. Em relação a esta forma de operador, verificamos com o semanticista, o seguinte:

Antes de mais nada, é necessário registrar que a conjunção *ou... ou*, como de resto todas as chamadas conjunções alternativas, pode não estar reduplicada. Pode-se ter (110) Ou Maria comprou o carro ou vendeu a casa. Como (111) Maria comprou o carro ou vendeu a casa. (GUIMARÃES, *op. cit.*, p.56).

A forma *seja* morfologicamente é o verbo ser conjugado na 1ª e 3ª pessoas do singular do presente do subjuntivo. Essa forma, sob a perspectiva da semântica da argumentação, assume a função de operador argumentativo. Outrossim, as demais formas, morfologicamente classificam-se como conjunções alternativas, assumindo funções de operadores argumentativos.

1.4. Operadores estabelecendo relações comparativas entre um elemento e outro, apontadas para uma conclusão dada: *mais que, menos que, tão... como*, etc. (*Idem, ibidem, loc. Cit.*).

Eis um exemplo:

A: Pedimos ao João para redigir a ata.

B: O José é *tão* competente *quanto* João.

O enunciado “B” aponta para a relação comparativa entre a competência de “João” e de “José”, marcada pelo operador *tão... quanto*.

1.5. Na sequência, os operadores introduzindo uma justificativa ou explicação voltada para o enunciado anterior, tais como: *porque, que, já que, pois*, etc. (*Idem, ibidem, loc. Cit.*).

Na gramática tradicional, sob o aspecto sintático, observamos o seguinte, em relação às conjunções:

[...] ‘que, porque, porquanto, etc.’ ora têm valor *coordenativo explicativo*, ora *subordinativo causal*.

Ex.:



- Ele chora porque a mãe morreu.
(A morte da mãe é a causa do choro. Logo, ‘porque a mãe morreu’, é subordinativa causal).
- Não chore mais, porque sua mãe voltará logo.
(Aqui temos recomendação: ‘não chore mais’, e o *motivo* ‘porque sua mãe voltará logo’. Quando se explica um motivo, temos oração coordenada explicativa). (SILVA *et alii*, 1976, p.30).

Na primeira frase, a segunda oração “porque a mãe morreu” explica a causa do choro dele (oração principal). Já, na segunda frase, a segunda oração “porque sua mãe voltará logo” é o motivo para deixar de chorar (oração principal).

Destarte, a sintaxe tradicional não se afasta, no caso, da semântica argumentativa quando coloca as conjunções em questão na função de operadores justificando ou explicando enunciados antecedentes.

1.6. Há também operadores contrapondo argumentos direcionados para conclusões contrárias, a saber: *mas* (porém, contudo, todavia, no entanto, etc.). (KOCH, *op. cit.*, p.35).

A respeito do operador *mas*¹⁴, temos a seguinte posição: “[...] o locutor introduz em seu discurso um *argumento possível* para uma conclusão *R*; logo em seguida, opõe-lhe um *argumento decisivo* para a conclusão contrária *não-R* ($\sim R$).” (*Idem, ibidem*, p.36).

Ex.: Estava sujo, mas não tinha outra roupa.

<p>R: Tinha roupa suja .</p> <p>↑</p> <p>┆ p estava sujo</p>	<p>mas</p>	<p>~R: Não tinha roupa limpa.</p> <p>↑</p> <p>┆ q não tinha outra roupa</p>
--	------------	---

No caso, o argumento *p* “estava sujo” conduz para a conclusão *R* (tinha roupa suja), opondo-se, imediatamente, ao argumento *q* “não tinha outra roupa” direcionando para a conclusão oposta $\sim R$ (não tinha roupa limpa).

Vale ressaltar o uso do operador *mas* apresentando funções diferentes, ou melhor dizendo:

¹⁴ Comentamos somente este, por ser o mais importante, conforme Ducrot. De outro modo, a sintaxe tradicional apresenta a forma *mas* introduzindo uma oração coordenada adversativa.



[...] os estudos argumentativos sobre o *mas* (Anscombe e Ducrot, 1977; Vogt e Ducrot, 1980; entre outros) consideram sempre a diferença entre dois tipos de *mas*. Um que se convencionou chamar *masSN* e outro de *masPA*. O primeiro é um *mas* que tem função opositiva, mas não argumentativa. [...] Aqui interessa indicar que o *masSN* aparece sempre depois de um enunciado negativo, com uma função de correção de algo suposta ou realmente dito antes. Algo como o que ocorre em (149) Ela não é nadadora mas atleta. O *masPA* é o que ocorre em enunciados como (150) Paulo era mais adequado para o cargo mas não foi escolhido. (GUIMARÃES, *op. cit.*, p.61).

O *masSN*, no caso estudado, assume a função opositiva, vindo após o enunciado negativo, corrigindo o dito anteriormente. Assim, este *mas* opõe sentidos diferentes orientando os argumentos para conclusões opostas, ou melhor ilustrando, conforme o exemplo citado acima:

$\sim R$: Ela não é desportista de natação. R : Ela é desportista do atletismo.
 \uparrow q Ela não é nadadora MAS \uparrow p (Ela é) atleta.

Outrossim, o *masPA*¹⁵ diferencia-se do *masSN*¹⁶, no caso exemplificado na citação, implicando uma possibilidade argumentativa polifônica dos enunciados implícitos indo em direção oposta à conclusão R e conclusão $\sim R$. Representando graficamente, temos, partindo do desdobramento enunciativo “Paulo era mais adequado para o cargo mas não foi escolhido”:

R : “X” foi escolhido. $\sim R$: Paulo não foi escolhido.
 \uparrow p' “X” é o preferido. MAS \uparrow q' Paulo não é o preferido.
 \uparrow p “X” é menos adequado. MAS \uparrow q Paulo é mais adequado.

Dessa forma, verificamos o seguinte: os pares de enunciados p/p' e q/q' estão sucessivamente orientados para a conclusão R e $\sim R$, embora p/q e p'/q' apresentem incompatibilidade argumentativa (oposição), seguindo o critério de escolha lógica da preferência de “X” em detrimento de Paulo, com R e $\sim R$. Logo, há oposição entre os enunciados indo sequencialmente na mesma direção de R e $\sim R$. Ainda, apontamos, neste gráfico, a oposição entre $p - q$, $p' - q'$ e, na sequência lógica, entre R e $\sim R$. Portanto, o

¹⁵ É o *mas* com função argumentativa.

¹⁶ É o *mas* com função opositiva.



masPA apresenta uma oposição mais complexa, porque envolve uma *classe argumentativa*.

1.7. Temos um grupo de operadores introduzindo conteúdos pressupostos no enunciado, tais como: *já, ainda, agora*, etc. (*Idem, ibidem*, p.38).

Estes advérbios funcionam como operadores determinando um acontecimento que, se dissermos, por exemplo:

- Filomena reside na Inglaterra.

O enunciado, em questão, não pressupõe uma ideia de tempo pretérito relacionada com a ideia de tempo presente; porém, se enunciarmos:

- Filomena *ainda* reside na Inglaterra.

Pressupomos que *Filomena residia na Inglaterra antes*, ou seja, o operador *ainda* indica a ação verbal de residir iniciando no momento passado e continuando no momento presente.

Para tanto, classificamos os operadores em sete grupos: 1º) os operadores elucidando o argumento mais forte, numa escala orientada para uma conclusão; 2º) os aditivos; 3º) os alternativos apontando para conclusões opostas; 4º) os comparativos; 5º) os justificativos ou explicativos; 6º) os adversativos; 7º) àqueles que apresentam uma ideia de pressuposição.

O estudo dos operadores argumentativos vem complementar aprofundando o sentido relacional de certas formas gramaticais da língua portuguesa, assim, classificadas: pronome (ex.: *mesmo*); advérbios (ex.: *inclusive, ainda, agora, já*); forma funcionado como adjetivo (ex.: *também*); conjunções coordenadas e subordinadas (ex.: *e, nem, quer, mas, embora*, etc).

A contribuição desse estudo propõe-se a evidenciar a busca do sentido na argumentação (explícita ou implícita) induzindo a determinada conclusão(ões).



2. As ocorrências dos operadores argumentativos na *Bíblia Medieval Portuguesa*

Nesse ponto, selecionamos doze (12) operadores ocorrentes¹⁷ no *corpus Bíblia Medieval Portuguesa*, a seguir, alinhados em ordem decrescente, a saber: *ca*, *que*, *porque*, *mais*, *pera*, *ataa*, *nem*, *porem*, *e*, *ante... que*, *senão*, *tanto... que*.

Ao analisarmos cada operador, no período do português arcaico do século XIII/ XIV, classificamos gramaticalmente e apresentamos etimologicamente a sua forma. Em outro momento, explicamos o funcionamento sintático-semântico desse operador no enunciado argumentativo, auxiliando-nos de elementos histórico-religiosos e da Antropologia Filosófica, principalmente.

2.1. Operador *ca*

Esta forma gramatical *ca*, no referido *corpus*, do ponto de vista gramatical-morfológico, é uma conjunção subordinada: “*ca* (arc.) < *qua* por *quia* (causal).” (COUTINHO, 1976, p.270). Assim, a conjunção subordinada adverbial causal *ca* é oriunda da conjunção latina *quia*, em se tratando de conjunção subordinante. Esta forma ocorre até o século XVI, na documentação escrita. (MATTOS E SILVA, 1993, p.115).

Na função de operador, o *ca* introduz uma explicação histórica-religiosa a respeito da formação do homem, direcionado para o enunciado anterior, conforme a BMP¹⁸, por exemplo: “Qualquer que esparger sangue do homem, o seu sangue será reparjado, *ca*¹⁹ o homem feito he aa ymagem de Deus;” (p.31).

Dessa forma, do ponto de vista da Antropologia Filosófica, o homem manifesta-se na condição de ser: um ente corpóreo, um ente do conhecimento, um ente da cultura, um ente da sociabilidade e, inclusive, um ente da religião.

Orientado na sua condição humana de ser religioso, o homem busca aproximar-se do Ser Absoluto, quando expressa a sua religiosidade; ou melhor dizendo:

Os antropólogos informam-nos que o homem desenvolveu uma atividade religiosa desde a sua primeira aparição na cena da história e

¹⁷Não nos propusemos aqui inventariar todos os operadores, quer nas diferentes formas, quer na quantidade, mas apenas apresentar uma amostragem permitindo uma visualização dos mesmos no *corpus* em questão.

¹⁸Passamos a usar a sigla BMP designando *Bíblia Medieval Portuguesa*.

¹⁹Grifo nosso



que todas as tribos e todas as populações de qualquer nível cultural cultivaram alguma forma de religião. (MONDIN, 1980, 218).

Portanto, a religião norteia o homem para uma vivência com o Ser Absoluto, compreendendo, de certa maneira, a sua identificação com esse ser menos inferior, quer pela natureza relacionada à sua criação divina, quer pela natureza existencial da sua alma; ou ainda: “A realidade humana é uma realidade essencialmente composta, formada de dois elementos, uma material e um espiritual.” (*Idem, ibidem*, p.273). Assim, o lado espiritual da alma humana conecta com o espírito puro, o espírito do Ser Absoluto.

Diante dessa digressão antropológica-filosófica, perguntamos: que relação há com o operador *ca*? Sim, há relação. Pois, esse operador desencadeia a explicação de que o homem é a imagem (e semelhança) de Deus, discorrendo sobre a existência da alma humana imortal, em detrimento do corpo físico desintegrando no seio da terra pelo derramamento do seu sangue, de modo particular.

2.2. Operador *que*

Este operador, como o antecedente, vem justificar ou explicar o enunciado anterior.

Na sintaxe tradicional, no português arcaico, o operador em questão ora classifica-se como pronome relativo (*quem* > *que* XIII), ora classifica-se como conjunção integrante (*quia*, lat. > *que* ~ *qua/ ca* XIII); ou de acordo com a filóloga: “Tal como nas completivas e nas relativas é o *que* o conector primário na subordinação circunstancial.” (MATTOS E SILVA, *op. cit.*, p.115). Segue comentando:

É o *que*, entretanto, o elemento mórfico que estará na base das numerosas locuções conjuntivas que se constituíram no português, como nas outras línguas românicas.

Considerando-se o *que* completivo ou integrante, o *que* relativo e o *que* formador dos subordinantes do tipo locução conjuntiva. (*Idem, ibidem*, mesma página).



A ocorrência da conjunção integrante, na BMP, constrói-se mediante a relação da oração principal com a sua oração subordinante completando o sentido dessa oração principal. Sigamos os exemplos:

- a) “[...] digo *que*²⁰ ainda se fossem nom mais que dez justos entre eles,” (p.38).
 b) “[...] elas ouvirom dezer, *que*²¹ o acabamento do mundo avia de seer per fogo,” (p.40).

Na letra (a), contextualizando minimamente, essa passagem bíblica trata da misericórdia divina para com Abraão, diante da súplica ardente livrando a cidade de Sodoma do castigo iminente²².

Destarte, os dez justos de Sodoma, os tementes a Deus, podem intervir num pedido orante à Deus desviando o castigo para os habitantes da cidade de Sodoma cometendo pecado de toda ordem. Será salvo quem se manter fiel aos mandamentos divinos. Nesse caso, a culpa dos sodomitas é a consequência imediata de alguém tendo remorso ao cometer uma falta. Outrossim, sob o aspecto metafísico, o homem é um ser contingente, ou seja, passível de se aperfeiçoar infinitamente, diante de sua natureza mutante/ evolutiva. Daí a sua condição natural de ser imperfeito, ou seja, o homem é por natureza um ser em evolução, incompleto.

Na aproximação com o Ser Absoluto (Deus), o homem busca a recompensa da luz divina iluminado o seu fazer cada vez melhor; e, a medida que toma consciência do seu aperfeiçoamento, torna-se grato buscando neste Ser o fundamento último de seu ser; ou de outro modo:

O bem [gratidão], sendo o termo da tendência e do desejo, aparece então como sendo, para si, ser e perfeição, pois todos os seres desejam a perfeição do seu ser. Assim, o *fim do bem coincidem*: todo fim é um bem e todo bem é ou pode ser um fim. (JOLIVET, 1961, p.285).

Na letra (b), essa passagem trata do castigo do pecador pelas faltas cometidas diante de Deus. A condição humana de ser contingente, sob o aspecto da mutabilidade, torna-a passível de cometer erros. Desse modo, o reconhecimento do pecado, do erro, é o reconhecimento da limitação humana, sob todos os aspectos.

²⁰ Grifo nosso.

²¹ Idem.

²² Cf. o texto completo com o título: “COMO DEUS DISSE A ABRAAM DO SOVERTIMENTO DE SODOMA”; ou usando a transcrição interpretativa: Deus anuncia a Abraão a destruição de Sodoma.



O que foi exposto acima, aprofunda a explicação desencadeada pelo operador *que* respondendo a necessidade de entendimento do enunciado antecedente a este operador.

2.3. Operador *porque*²³

Este operador originou-se no século XIV, mediante uma locução fossilizada da preposição *por* (< *prō* LC²⁴) com o pronome relativo *que*.

No período do português arcaico, a conjunção *porque* inicia uma oração subordinada adverbial causal; ou ainda:

As *causais*, por sua vez, não apresentam um inventário rico: *porque* é mais usual, a par de *já que*, *porquanto*:

- E el perdoou-lhi logo, *porque* entendeu que eles non farian nen hũa maldade, pois el tod'aquelo que eles fazian sabia. (MATTOS E SILVA, *op. cit.*, p.117).

Diante disso, o operador *porque*, na BMP, introduz uma explicação orientada para o enunciado colocado na posição anterior desse operador; como por exemplo: “E foi tomada toda aquela terra em lago d’augua salgada, e sem fruto nenhũu, o he chamado mar morto, *porque*²⁵ nem pexes, nem aves non vivem em ele [...]”. (p.40)

Neste excerto, verificamos a descrição/ explicação do mar morto informando a inexistência de vida marinha. Daí a denominação “mar morto”.

Esta passagem bíblica²⁶ reporta-se a saída de Lot com sua família da cidade de Sodoma. Eles saem protegidos por dois anjos, salvando-os da catástrofe iminente; ou ainda:

Ao amanhecer, instavam os anjos com Lot, dizendo: Levanta-te, toma tua mulher e as duas filhas que tens; não suceda que também pereças na ruína da cidade. E, como ele hesitasse, pegaram pela mão a ele, a sua mulher e as duas filhas, porque o Senhor queria salva-lo. (BÍBLIA SAGRADA, Gen. 19,15-16).

²³ Compreende o mesmo grupo do operador anterior *que* (2.2.)

²⁴ Cf. Abreviatura de Latim Clássico.

²⁵ Grifo nosso.

²⁶ À guisa de contextualização histórica-religiosa da fonte do excerto.



Portanto, o uso, no caso, do operador *porque* aponta a relação de causa justificada entre o enunciado anterior com o enunciado posterior ao referido operador.

2.4. Operador *mas*

Este operador é a conjunção *mas* (*māgis*, LC > *mais* XIII), comportando-se dessa maneira: “A oposição ou contraste é expressa pelas chamadas *conjunções adversativas*. A básica, já no período arcaico, é *mais*, menos frequentemente grafada *mas*. Provém do advérbio *magis*.” (MATTOS E SILVA, *op. cit.*, p. 120).

A esse respeito, o operador *mas* (conjunção adversativa), na BMP, compõe o argumento orientado para conclusões contrárias; como por exemplo: “[...] morrerei, *mas*²⁷ ha aqui hũa Cidade pequena, em que me poderei salvar. (p.39-40).

Assim, apresentamos, a seguir, por dedução, a composição do argumento:

R: Minha morte. † † P morrerei	MAS	~R: Minha salvação (possível) † † q me poderei salvar
--------------------------------------	-----	---

Neste caso, o argumento *p* – morrerei – direciona para a conclusão *R* – Minha morte -, opondo-se, juntamente, ao argumento *q* – me poderei salvar – direcionado-o para conclusão oposta *~R* – Minha salvação (possível) -.

Esta passagem bíblica refere-se à fuga de Lot, comentado anteriormente.

2.5. Operador *pera*

Etimologicamente, verificamos o seguinte: “[...] XVI, *pera* | Do lat. *Per ad*, através da var. ant. *pêra*, muito frequente em textos portugueses medievais; só a partir de meados do séc. XVII é que a forma atual *para* começa a suplantar a antiga *pera*.” (CUNHA, 1982, p.578b).

Na sintaxe tradicional, *pera* introduz uma oração subordinada exprimindo uma finalidade.

Outrossim, compreendemos o operador *pera* apresentando uma justificativa orientada para o enunciado anterior, como, por exemplo (BMP): “[...] e entregou

²⁷ Grifo nosso.

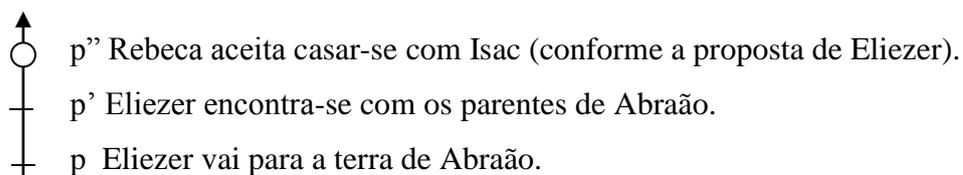


Abimelec aquel poço a Abraam, que lhe aviam tomado os seus servos *pera*²⁸ dar de beber aos gados eno deserto.” (p.42). Neste caso, o enunciado “*pera* dar de beber aos gados eno deserto” justifica o uso do poço entregue ao profeta Abraão por Abimelec, rei da Palestina; para tanto, firmaram a aliança mediante o juramento: “[Abimelec diz:] jura por Deus que não farás mal, nem aos meus descendentes, nem a minha estirpe, mas que usarás comigo e com a terra onde tens vivido como estrangeiro, conforme a benevolência com que te tratei. Abraão disse: Eu o jurarei.” (Gen. 21,23-24). Em seguida, eles fizeram a aliança, desse modo: “Tomou, pois, Abraão ovelhas e bois, e deu-os a Abimelec, e fizeram ambos aliança.” (Gen. 21, 27).

2.6. Operador *ataa*²⁹

Este operador marca o argumento mais forte de uma classe direcionada para uma conclusão; exemplificando (BMP): “Eliezer non quisse comer *ataa*³⁰ que contou aquilo por que veera.” (p.45). Destarte, o texto completo trata do casamento de Isac, filho de Abraão. A partir daí, dedutivamente, construímos a classe de argumentos voltados para uma conclusão:

R: Eliezer cumpre a missão.



O argumento mais forte (p'') compreende a missão de Eliezer, servo de Abraão, dada por este, ou seja, buscar uma noiva para seu filho Isac junto a seus parentes, em outra região. Os demais argumentos (mais fracos) constituem-se partes da missão.

²⁸ Idem

²⁹ Cf. “[preposição] *ata* XIII, *ate* XIII, *ataa* XIV etc. | Do ár. *hattā*.” (CUNHA, *op. cit.*, p.79b).

³⁰ Grifo nosso.



2.7. Operador *nem*³¹

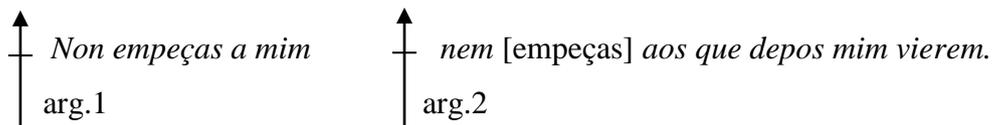
A nasalação ocorrente – *nec* > *nem* – é devida ao fonema nasal inicial da palavra. (COUTINHO, *op. cit.*, p.270).

Este operador aditivo reporta-se a mesma conclusão, ou conforme o exemplo (BMP): “[...] non empeças a mim, *nem*³² aos que depos mim veerem.” (p.42).

No caso específico, o operador *nem* vem adicionar uma informação nova ao 2º argumento (“*nem* [empeças] aos que depos mim veerem”) com o 1º argumento (“nom empeças a mim”). Portanto, ocorre uma soma de argumentos.

Graficamente, representamos:

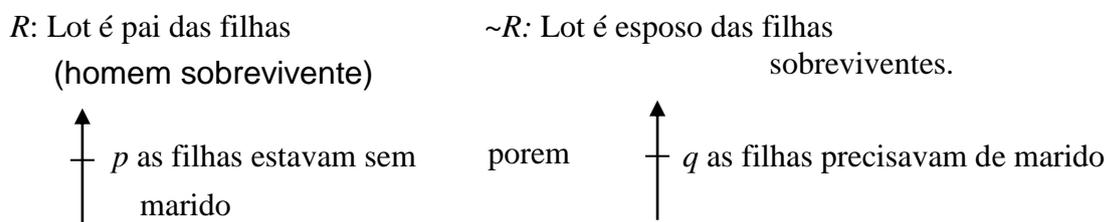
R: Abimelec teme Abraão.



2.8. Operador *porem*³³

Este operador, da mesma maneira que o *mas*, tem a função de contrapor argumentos orientado para conclusão contrária; como, por exemplo (BMP): “[...] seu padre e elas ficavam vivas pera refazimento da geeraçom humana; *porem*³⁴ ouverom conselho entre si, e derom a beber vinho a Lot seu padre pera amolentarem [...]” (p.40).

Desse modo, reconstruímos dedutivamente os argumentos opostos, baseando-nos no texto integral³⁵; ou representando por gráfico:



³¹ Cf. “[...] conj. ‘e não, não alternativamente | *nem* XIII, *nẽ* XIII etc. | Do lat. *nec*.” (CUNHA, *op. cit.*, p.546b).

³² Grifo nosso

³³ Cf. “[...] conj. ‘contudo, todavia | XIV, *porende* XIII, *porem* XIV etc. | De *por* + *ende* (< lat. *ĩnde*), freqüente no port. med., desde o séc.XIII.” (*Idem, ibidem*, p. 623b).

³⁴ Grifo nosso

³⁵ Cf. “COMO AS FILHAS DE LOT EMBEVEDAROM SEU PADRE, E DORMIROM COM ELE” (BMP, p.40)



Assim, o argumento p (as filhas estavam sem marido) orienta-se para a conclusão R (Lot é pai das filhas e homem sobrevivente), *porém* o argumento q (as filhas precisavam de marido), em direção oposta³⁶, direciona-se para a conclusão $\sim R$ (Lot é esposo das filhas sobreviventes).

2.9. Operador e ³⁷

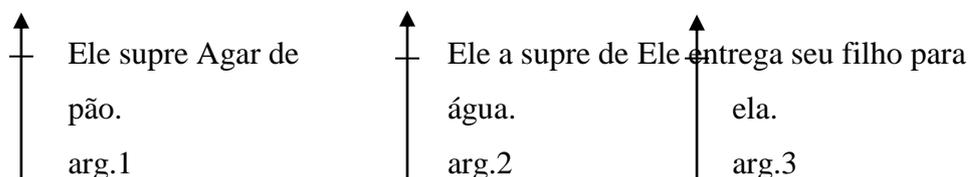
Seguindo a linha da sintaxe tradicional, a conjunção e é muito ocorrente na coordenação, ou melhor dizendo:

A coordenação por excelência é do tipo *aditivo ou copulativo* e a conjunção que a expressa é o e (lat. *et*). Na documentação do período arcaico o e , além de ligar frases, isto é, como elo encadeador do discurso. Além disso, o e pode coordenar quaisquer constituintes da sentença, como aliás outras conjunções aditivas e disjuntivas. (MATTOS E SILVA, *op. cit.*, p.119).

De outro modo, não se afastando da regra de uso da sintaxe tradicional, o operador e é aditivo de argumentos ao direcionar-se para a mesma conclusão; ou apontando exemplo (BMP): “[...] e ³⁸ tomou Abraam pão, e hũu odre d’augua, e pose-o aas costas de Agar sua serva, e deu-lhe seu filho Ysmael, e enviou-os;” (p.42).

A seguir, representamos graficamente e dedutivamente a *relação* dos argumentos voltados para a conclusão R ³⁹:

R : Abraão é um homem bom.



³⁶ No caso, a oposição é do ponto de vista moral, diante da relação incestuosa entre as filhas e o pai.

³⁷ Cf. “[...] conj. (une orações ou palavras) | XIII, *et* XIII | Do lat. *et*.” (CUNHA, *op. cit.*, p.282 a).

³⁸ Grifo nosso, extensivo a todos os operadores ocorrentes neste enunciado.

³⁹ É construída por dedução, cf. o texto: “COMO NACEO YSAAC [...] E COMO FOI DEITADA A MADRE DE ISMAEL COM SEU FILHO FORA DE CASA.” (BMP, p.41)



Os argumentos 1,2 e 3 enaltecem significativamente o caráter de bondade do profeta Abraão para com a sua serva Agar.

2.10. Operador *ante*⁴⁰ *que*

Esta locução conjuntiva expressa o momento anterior a um acontecimento.

Na função de operador, a locução conjuntiva *ante que* propõe-se a justificar a ação do enunciado anterior, exemplificando (BMP): “benzer-te-há minha alma *ante que*⁴¹ eu moira.” (p.49).

Esta passagem retrata a fala de Isac pedindo a Esaú, seu filho primogênito predileto, ir ao campo buscar uma caça, prepara-la e lhe servir, de acordo com a sua preferência; para, em seguida, abençoa-lo.

Portanto, a certeza iminente de sua morte, propalada por Isac, justifica a benção ao seu filho Esaú cumprindo o seu pedido glutâmico.

2.11. Operador *senon*⁴²

Esta conjunção expressa a função da adversativa *mas*; e, como operador também expressa essa ideia contrapondo argumentos dirigidos por conclusões opostas; como por exemplo (BMP): “E Eliezer pediu augua e todas as outras non lha quiserom dar, *senon*⁴³ ela que lha deu [...]” (p.44).

A passagem bíblica, em questão, encontra-se no texto “DO CASAMENTO DE ISAAC” (BMP) tratando da missão de Eliezer, dada pelo seu senhor Abraão, a fim de encontrar uma noiva para Isaac.

A seguir, expomos em gráfico o uso do operador *senon*, interpretado dedutivamente, conforme o texto em questão, notoriamente para as conclusões:

⁴⁰ Cf. “[...] adv. ‘anteriormente’ | XIII, ante XIII | Do lat. *antē*.” (CUNHA, *op. cit.*, p.53).

⁴¹ Grifo nosso

⁴² Cf. “[...] conj. ‘de outro modo, do contrário’ | XVI, *senon* XIII, *-nõ* XIV etc. | De SE² + NÃO.” (*Idem, ibidem*, p.714).

⁴³ Grifo nosso



~R: Eliezer não conseguiu água.

R: Eliezer conseguiu água.

↑ q *as outras non lha quiseron* senon ↑ p *ela [Rebeca], que lha deu.*
dar.

Ou ainda: o argumento *q* (*as outras non lha quiseron dar*) direcionado para a conclusão ~R (Eliezer não conseguiu água), opõe-se, imediatamente, ao argumento *p* (*ela [Rebeca], que lha deu*), dirigido para a conclusão R (Eliezer conseguiu água).

2.12. Operador *tanto*⁴⁴ *que*

A locução conjuntiva *tanto que*, na sintaxe tradicional, assume o papel das subordinadas consecutivas, ou conforme a estudiosa dos estudos diacrônicos do português: “As *consecutivas* são em geral iniciadas por *que* e apresentam sempre, na frase de que dependem, um QT a que estão relacionadas: *tan, tanto, tal, tamanho*. Também são consecutivas: *en maneira que, en tal guisa que*.” (MATTOS E SILVA, *op. cit.*, p.118).

Na BMP, a esse respeito, exemplificamos: “Ysaac levou-a pera a câmara, em que soia morar sua madre Sarra, e *tanto*⁴⁵ a amou, *que*⁴⁶ temperou a door, que avia da morte de sua madre com o amor dela.” (p.45)

Esta passagem mostra-nos o encontro e o casamento de Isac, filho de Abraão e Sara, com Rebeca, filha de Batuel e irmã de Labão, extraído do texto “COMO ELIEZER LEVOU REBECA PERA MOLHER DE YSAC” (BMP, p.45).

Dessa maneira, o amor intenso de Isac por Rebeca aplaca a dor pela perda de Sara, sua mãe, justificando-o. Assim, o operador *tanto que*, ocorrente no trecho em questão, conduz a justificativa orientada para o enunciado anterior.

⁴⁴ Cf. “[...] *pron.* ‘tão grande, tamanho’; s.m. ‘porção determinada’; *adv.* ‘tantas vezes’ | XIII, *atanto* XIII | Do lat. *tantus, tanta*.” (CUNHA, *op. cit.*, p.754b)

⁴⁵ Grifo nosso

⁴⁶ Idem



Considerações finais

Nesse estudo, os operadores argumentativos, no período do português arcaico, ocorrentes na *Bíblia Medieval Portuguesa* (séc. XIII/ XIV), são oriundos das classes gramaticais: conjunções (*ca, senão, mas, que, porque, porem, e, nem*); preposições (*pêra, ante*); locução pronominal (*tanto... que*), assumindo as diversas funções básicas de operadores argumentativos, a seguir descritos: 1. assinalar o argumento mais forte, numa escala argumentativa, direcionando a uma conclusão; 2. adicionar argumentos fortalecendo o predicado de uma conclusão; 3. alternar argumentos opostos voltados para conclusões contrárias; 4. comparar argumentos permitindo direcionar a uma conclusão; 5. justificar ou explicar por meio de argumento enunciativo o enunciado anterior; 6. contrapor argumentos orientados para conclusões contrárias; 7. introduzir argumento de pressuposição temporal/ espacial, principalmente, alterando o sentido de uma conclusão.

Ainda, verificamos, ao desenvolver esta análise, evidenciar a busca das forças argumentativas, quer mediante a Semântica da Argumentação, quer pelo auxílio da Filosofia, da Antropologia Filosófica e do texto histórico-religioso orientando, principalmente, para a(s) conclusão(ões).

A contribuição desse estudo vislumbra notoriamente a aplicação dos elementos teóricos da Semântica da Argumentação direcionados para os documentos escritos histórico-religiosos da língua portuguesa.

Referências

BÍBLIA MEDIEVAL PORTUGUESA I: Historias d'abreviado Testamento Velho, segundo o Meestre das Historias Scolasticas. Texto transcrito por Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: MEC/ INL, 1958.

BÍBLIA SAGRADA: Edições Paulinas. Traduzida e anotada por Pe. Matos Soares. 13 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

BURNS, E. M. **História da Civilização Ocidental.** Tradução: Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado e Leonel Valandro. v. I. 3. ed. 5ª impressão. Porto Alegre: Editora Globo, 1975.



-
- CAMPOS, C. M. O percurso de Ducrot na Teoria da Argumentação na Língua. **Revista da ABRALIN**, Rio de Janeiro, v.6, n. 2, p.139-169, jul./ dez. 2007.
- COUTINHO, I.L. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, A.G. *et alii*. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Tradutor e revisor técnico: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- FERREIRA DA CUNHA, C. **Gramática da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de Texto: Procedimentos, Análises, Ensino**. Campinas, Editora RG, 2011.
- _____. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.
- _____. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo designativo**. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- _____. **Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português**. 4. ed. revista e ampliada. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- _____. “Ler um Texto uma Perspectiva Enunciativa.” *In Revista da ABRALIN*, v.12, n.2, p.189-205, jul./dez. 2013.
- JOLIVET, R. **Curso de Filosofia**. Tradução de Eduardo Mendonça. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1961.
- KOCH, I.G.V. **A inter-ação pela linguagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MATTOS E SILVA, R.V. **O português arcaico: morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 1993.
- MONDIN, B. **O homem: quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. Tradução: R. Leal Ferreira e M.A.S. Ferrari. São Paulo: Paulinas, 1980.
- SILVA, M.C.P.S. *et alii*. **Relacionamento entre orações: prática de português/ 2**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.